

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.009

## A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA ON-LINE NA SAÚDE SEXUAL

Jocimario Alves Pereira<sup>1</sup>

### RESUMO

O estudo analisa a influência do consumo de pornografia online na saúde sexual, com foco nos impactos psicológicos, comportamentais e sociais. Utilizando uma metodologia quali-quantitativa, foram aplicados formulários com 13 perguntas a 82 participantes, abrangendo diversas regiões do Brasil. A coleta de dados seguiu o método “bola de neve”, assegurando amostra heterogênea e significativa. As análises incluíram estatísticas inferenciais e interpretação subjetiva, fundamentadas em literatura especializada. O estudo conclui que o consumo de pornografia on-line tem implicações significativas na saúde sexual e no bem-estar psicológico, destacando a necessidade de maior conscientização e educação sexual para mitigar seus efeitos. Os dados ressaltam a importância de políticas públicas e intervenções educacionais que abordem o tema de forma holística e inclusiva, promovendo uma relação mais saudável com a sexualidade e os conteúdos consumidos.

**Palavras-chave:** Bem-estar, Consumo Digital, Comportamento Social.

1 Doutorando do Curso de Ensino das Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [jocimario.alves@ufrpe.br](mailto:jocimario.alves@ufrpe.br);

## INTRODUÇÃO

A pornografia, enquanto manifestação cultural e social, tem acompanhado a história humana desde as primeiras civilizações. Sua evolução, especialmente com o advento da internet, transformou profundamente o acesso e consumo desse tipo de conteúdo, criando uma indústria global de proporções inéditas. Essa transição digital, principalmente no século XXI, trouxe à tona novas discussões sobre os impactos da pornografia on-line no comportamento e na saúde sexual dos indivíduos.

A saúde sexual é um conceito amplo que envolve bem-estar físico, mental, emocional e social em relação à sexualidade. No Brasil, políticas públicas têm buscado garantir direitos reprodutivos e sexuais (Brasil, 2025), mas a crescente acessibilidade à pornografia on-line apresenta desafios adicionais, como a influência sobre percepções de sexualidade e padrões de comportamento, especialmente entre jovens e adultos.

Entretanto, apesar das vantagens tecnológicas, o consumo desenfreado de pornografia on-line levanta preocupações. Como isso pode afetar negativamente a saúde sexual? Estudos (Parreira, 2012; Meira, 2020) apontam que o consumo excessivo está relacionado a problemas como insatisfação com a vida sexual real, distorção da percepção de relacionamentos e até questões psicológicas, como ansiedade e depressão. Esse cenário indica a necessidade de compreender melhor os efeitos desse fenômeno na saúde sexual.

Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar como o consumo de pornografia on-line influencia a saúde sexual dos indivíduos. Por meio de uma abordagem quali-quantitativa, foram levantados dados por meio de um formulário de investigação que evidenciou as percepções psicológicas, comportamentais e sociais decorrentes dessa prática.

A relevância deste estudo está na urgência de discutir os impactos da pornografia on-line em um contexto que a educação sexual ainda enfrenta barreiras significativas. Ao oferecer ideias sobre essa relação, espera-se

contribuir para o desenvolvimento de estratégias educativas e de políticas públicas que promovam uma sexualidade saudável e consciente.

## SAÚDE SEXUAL

A saúde sexual é um conceito abrangente que envolve o bem-estar físico, emocional, mental e social relacionado à sexualidade humana. “Refere-se à capacidade [...] de aproveitar e expressar sua sexualidade de maneira saudável, evitando riscos como infecções sexualmente transmissíveis, gestações não planejadas, coerções, violência e discriminação” (Brasil, 2025, p. n.). Este conceito multidimensional reflete as complexas interações entre fatores biológicos, psicológicos, culturais e sociais que influenciam as práticas e atitudes sexuais, bem como o acesso a cuidados de saúde adequados.

Historicamente, o entendimento da saúde sexual esteve fortemente ligado à prevenção de Infecções sexualmente transmissíveis (IST) e à promoção de saúde reprodutiva. No entanto, ao longo das últimas décadas, o campo da saúde sexual evoluiu para incorporar uma abordagem mais holística, que engloba o prazer, a liberdade de escolha e a igualdade de gênero. A partir da década de 1970, as discussões sobre saúde sexual começaram a enfatizar os direitos sexuais e a importância da educação sexual, um processo impulsionado por movimentos feministas e pelos direitos humanos (Paiva, 2021). Conforme Alves (2020), esses avanços foram formalizados em documentos internacionais, como a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD) em 1994, que reconheceu a saúde sexual e reprodutiva como direitos humanos fundamentais.

No Brasil, a saúde sexual tem sido abordada por meio de políticas públicas que buscam garantir o acesso universal e igualitário aos serviços de saúde sexual e reprodutiva. O Sistema Único de Saúde (SUS) tem implementado programas voltados para o controle de IST, a educação sexual e a promoção da saúde reprodutiva, com destaque para o planejamento familiar e o acesso a métodos contraceptivos.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher e a Política Nacional de Saúde Sexual e Reprodutiva visam assegurar a saúde sexual e reprodutiva das mulheres, abordando questões como a violência sexual, o aborto seguro e a saúde durante a gestação (Brasil, 2004). No entanto, o acesso a esses serviços enfrenta desafios significativos, especialmente em áreas rurais e entre populações vulneráveis. As desigualdades sociais e regionais no Brasil impactam diretamente o acesso a cuidados de saúde de qualidade, e grupos como mulheres negras, indígenas, LGBTQIA+ e pessoas em situação de rua têm acesso limitado a serviços de saúde sexual e reprodutiva.

Entre as questões contemporâneas que afetam a saúde sexual, destacam-se a educação sexual nas escolas, o direito ao prazer e o aumento da conscientização sobre as IST (Figueiró, 2020). A educação sexual, ainda que essencial, enfrenta resistência em muitos contextos devido a normas culturais conservadoras e preconceitos relacionados ao tema. Além disso, a discussão sobre os direitos sexuais tem ganhado destaque. A capacidade de tomar decisões livres sobre a sexualidade, incluindo a escolha de parceiros e o direito ao prazer, é um princípio fundamental dos direitos humanos. As desigualdades no acesso a métodos contraceptivos e ao aborto seguro, especialmente em contextos legais restritivos, também são desafios significativos para a saúde sexual.

Segundo alguns autores (Straub, 2014; Alves, 2020; Figueiró, 2020; Paiva, 2021), existe fatores que pode influenciar a saúde sexual, como: Fatores Biológicos (condições médicas, hormônios e envelhecimento); Fatores Socioculturais (relações interpessoais, discriminação, questões de gênero, religião e valores tradicionais); Fatores Psicológicos (autoestima, ansiedade, depressão, traumas, estresse e distúrbios emocionais). Notadamente, esses fatores podem estar interrelacionados, seguindo a teoria biopsicossocial ou psicossocial como descrito por Straub (2014) e Almeida, Santos e Figueiredo (2022), pois esses fatores são intrínsecos de cada indivíduo, e não se pode generalizar sem um estudo aprofundado.

## PORNOGRAFIA

A pornografia, enquanto fenômeno cultural e social, tem uma longa história que remonta às primeiras civilizações, sendo representada em arte, cerâmica e literatura, com o intuito de explorar a sexualidade humana (Moreira, 2019). No entanto, sua transição para um produto industrializado, especialmente a partir da segunda metade do século XX, marca uma mudança significativa nas formas de acesso e consumo (Barros *et al.*, 2020), com um impacto crescente na saúde sexual e no comportamento psicossocial dos indivíduos.

A pornografia tem sido uma constante na história humana, com variações nas suas formas e aceitação social. No mundo antigo, expressões pornográficas eram frequentemente encontradas em monumentos, em pinturas nas paredes de cidades como Pompeia, e em textos literários, como o “*Kama Sutra*” indiano (Sanfelice, 2011; Garraffoni; Sanfelice, 2017). Contudo, essas produções eram em grande parte restritas a círculos privados e não havia uma acessibilidade massiva.

Com a invenção da imprensa no século XV, a disseminação de conteúdo impresso permitiu um aumento na circulação de material erótico. A revolução sexual dos anos 1960 e 1970, por sua vez, impulsionou a pornografia para um espaço público, com o surgimento das primeiras produções cinematográficas adultas (Macellino, 2006; Moreira, 2019). Este período também foi marcado por um movimento de legalização da pornografia em várias partes do mundo, refletindo mudanças nas normas sociais e culturais relacionadas à sexualidade.

Entretanto, foi com o advento da internet, na década de 1990, que a pornografia passou a alcançar uma nova dimensão (Barros *et al.*, 2020). A acessibilidade imediata, o anonimato e a diversidade de conteúdos oferecidos transformaram o consumo de material pornográfico, criando uma indústria globalizada e de fácil acesso. O modelo de negócios baseado em sites gratuitos e de assinatura levou a um crescimento exponencial do

mercado, modificando radicalmente as interações sexuais, os padrões de relacionamento e a percepção da sexualidade.

A transição da pornografia para o meio digital trouxe com ela uma série de novas dinâmicas que impactam diretamente a saúde sexual (Parreiras, 2012). O acesso fácil e constante a conteúdos pornográficos pode afetar a percepção do corpo, da intimidade e do prazer sexual, distorcendo a compreensão dos comportamentos sexuais normais e saudáveis.

Ademais, a pornografia *on-line* também é responsável por fortalecer e disseminar representações de sexualidade que podem ser prejudiciais à saúde mental e emocional.

Por exemplo, o consumo repetido de cenas de agressão sexual e desumanização de corpos, muitas vezes comuns em conteúdos mais extremos, pode contribuir para a normalização de comportamentos sexuais violentos e a objetificação do corpo feminino (Parreira, 2012; Meira, 2020). Isso tem gerado preocupações sobre a relação entre pornografia e agressões sexuais, além de influenciar o desenvolvimento da autoestima e da percepção de si no contexto sexual.

## METODOLOGIA

A Esta pesquisa é classificada como um estudo de levantamento de dados, uma maneira de conhecer dados de forma direta, isto é, uma forma de reunir informações a partir de uma amostra (Mattar; Ramos, 2021). A análise seguiu uma natureza quanti-qualitativa, que é uma abordagem de múltiplas perspectiva, que permiti apreciar os dados de modo objetivo, mas também subjetivo, contemplando um amplo espectro (Mattar; Ramos, 2021; Gil, 2023). De modo, a alcançar o objetivo de investigar como o consumo de pornografia *on-line* influencia a saúde sexual.

Para a pesquisa ter uma dinâmica eficiente, o estudo foi dividido em duas etapas: (I) Envio de um Formulário de Investigação; e (II) Análise de Dados. Primeira etapa, aplicação de Formulário de Investigação (FI), foi

elaborado com 13 questões fechadas, como pode ser observado no Quadro 1.

**Quadro 1.** Formulário de Investigação

**1. Estado que mora:**

AC  AL  AM  AP  BA  CE  DF  ES  GO  MA  MG  MT  MS  PA  
 PB  PE  PI  PR  RJ  RN  RO  RR  RS  SC  SE  SP  TO

**2. Sexo:**

Masculino  Feminino  Prefiro não responder

**3. Qual sua orientação sexual:**

Heterossexual  Homossexual  Bissexual  Pansexual  Assexual  
 Prefiro não responder  Outra

**4. Faixa etária:**

18 a 25 anos  26 a 33 anos  34 a 41 anos  42 a 49 anos  
 50 a 57 anos  Mais de 58 anos

**5. Você acessa pornografia on-line?**

Sim  Não

**6. Com que frequência você acessa conteúdo pornográfico on-line?**

Diariamente  Semanalmente  Mensalmente  Raramente  Ocasionalmente  
 Prefiro não responder

**7. Desde quando você começou a consumir pornografia on-line?**

Menos de 1 ano  1 a 3 anos  4 a 6 anos  7 a 10 anos  Mais de 10 anos  
 Prefiro não responder

**8. Você já percebeu alguma mudança no seu desejo sexual (libido) devido ao consumo de pornografia on-line?**

Sim, aumento  Sim, diminuição  Não percebi alteração  Não sei dizer  
 Prefiro não responder  Outro

**9. O consumo de pornografia *on-line* já afetou sua satisfação com a vida sexual real (com parceiros)?**

Sim, negativamente  Sim, positivamente  Não afetou  Não tenho vida sexual ativa  Prefiro não responder  Outro

**10. Você sente que a pornografia *on-line* influencia suas expectativas em relação ao corpo e desempenho sexual do parceiro?**

Sim, de maneira negativa  Sim, de maneira positiva  Não sinto influência  Não sei dizer  Prefiro não responder  Outro

**11. Você acredita que o consumo excessivo de pornografia *on-line* pode causar problemas psicológicos (como ansiedade, depressão, culpa)?**

Sim, pode causar  Não, não causa  Não sei dizer  
 Prefiro não responder  Outro

**12. Você já procurou ajuda profissional (terapia, aconselhamento) por causa do impacto do consumo de pornografia *on-line* na sua saúde sexual?**

Sim  Não  Não, mas considero procurar  Prefiro não responder  Outro

**13. Você acha que a educação sexual disponível (escolas, internet, etc.) é suficiente para ajudar a entender os efeitos da pornografia *on-line* na saúde sexual?**

Sim, é suficiente  Não, deveria ser mais abordado  Não sei  Prefiro não responder  
 Outro

Fonte: própria (2025)

O FI foi estruturado no Google Formulário, pois é uma ferramenta gratuita, que permiti envio de *link on-line* por diversos canais, além disto, é seguro, preservando os dados (Mota, 2019), assim como os tabula-os automaticamente, o que facilita a análise e interpretação. O FI foi enviado para pessoas do ciclo de convívio, por meio de *WhatsApp* e rede social *LinkedIn* e solicitando que enviassem a outros contatos de seus ciclos de amizade, seguindo assim, um método de “bola de neve” (*SnollBall*). Boc-korni e Gomes (2021) explica que este método (“bola de neve”) deve ser seguido quando não estabelece um limite do universo da pesquisa, e que alcançar uma amostra significativa. Isto é, uma maneira eficiente de fazer levantamento de dados, que é a classificação deste estudo.

Em seguida, a segunda etapa, análise de dados do FI, que teve por fundamento, primeiro o estatístico inferencial, que conforme Mattar e Ramos (2021) permiti fazer afirmações a partir de valores amostrais, com demonstração de tendências centrais e frequências de respostas organizado em ilustrações. O segundo, foi por meio de uma análise interpretativa, que é realizado por meio da avaliação na perspectiva da vivência e conhecimento do pesquisador (Moreira; Rizzatti, 2020), fundamentando a informação pela percepção dos dados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do levantamento de dados, 82 indivíduos, de forma voluntária e anônima, como demanda a ética. Como a pesquisa, tratou de um objeto de estudo sensível (pornografia na saúde sexual), só foi aceito participantes com idade igual ou superior a 18 anos, evitando assim qualquer exposição indevida.

Na primeira questão da pesquisa, foi identificado o “Estado que mora” os participantes da pesquisa. E foi observado que participaram indivíduos de 16 estados brasileiros: Paraíba (34,10%), São Paulo (16,60%), Pernambuco (12,20%), Paraná (11%), Santa Catarina (4,90%), Minas Gerais (4,90%), Mato Grosso (3,70%), Rio Grande do Sul (3,70%), Roraima (2,40%), Rondônia (1,20%), Piauí (1,20%), Bahia (1,20%), Ceará (1,20%), Espírito Santos (1,20%), Goiás (1,20%) e Maranhão (1,20%). Como pode descrito, a Paraíba foi o estado com maior quantitativo de participante, o que conforme Bocorni e Gomes (2021), é natural, tendo em vista o estilo de pesquisa em “Bola de Neve”, que o ponto de início tem uma tendência de maior ancoramento dos sujeitos.

Na sequência, a segunda questão do FI, foi identificado o “Sexo” dos participantes. A grande maioria (72%) descreveu como do “Sexo Masculino”; enquanto 26,80% do “Sexo Feminino”; e 1,20% preferiram não identificar o seu sexo. Apesar da heterogeneidade do sexo dos participantes, o estudo não selecionou o público, foi realizada aleatoriamente,

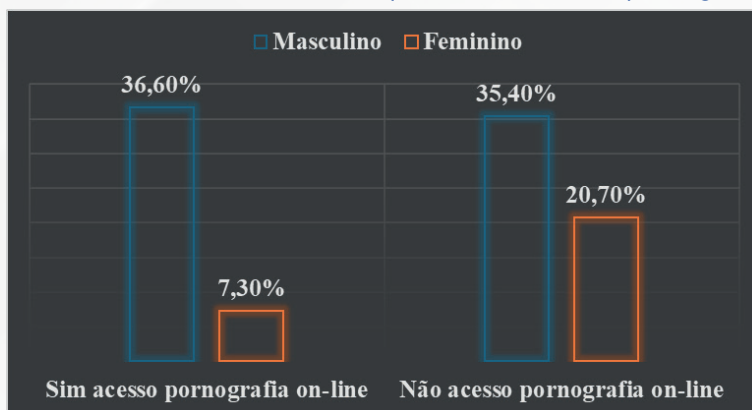
sendo assim, houve maior disponibilidade de participação do sexo masculino. Contudo, isso não traz implicação significativa, haja vista que foi um levantamento de dados aleatório.

Na questão seguinte, terceira questão, buscou identificar “Qual sua orientação sexual”. E foi observado que, 80,50% se identificavam como “Heterossexual”, 8,50% “Homossexual”, 7,30% “Bissexual”, 1,20% “Assexual”, 1,20% “Prefiro não responder” e 1,20% “Normal”. Os dados não apresentam grandes surpresas, tendo em vista que a grande maioria se identificando como heterossexual, está alinhado com a proporcionalidade da população Brasileira. Pois, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 94,80% da população brasileira se identifica como heterossexual (Torkania, 2022). Mas, o que aponta um alerta, é que 1,20% se identificaram como normal, isto é, não soube identifica o seu gênero sexual, implicando assim em falta de conhecimento sobre o tema sexualidade, o que conforme Figueiró (2020) e Paiva (2021) a educação sexual e um problema sociocultural, o que é notoriamente inacreditável, que isso ocorra em meados da terceira década do século XXI.

A quarta questão do FI, buscou identificar a “Faixa etária” dos participantes da pesquisa. Os dados demonstraram mais uma vez uma heterogeneidade, sendo 19,50% com idades entre 26 e 33 anos; 19,50% de 50 a 57 anos; 17,10% de 42 a 49 anos; 15,90% de 34 a 41 anos; 14,60% na faixa de 18 a 25 anos; e 13,40% mais de 57 anos. Implicando assim, em uma amostra representativa, sem recortes tendenciosos.

Seguindo com o formulário de investigação (quinta questão), os participantes foram indagados: “Você acessa pornografia *on-line*? E foi observado que a maioria dos participantes (56,10%), não fazem uso de pornografia *on-line*; e 43,90% afirmam fazer uso de pornografia *on-line*; como pode ser observado na Figura 1.

**Figura 1.** Dados masculino e feminino que acessão ou não pornografia *on-line*

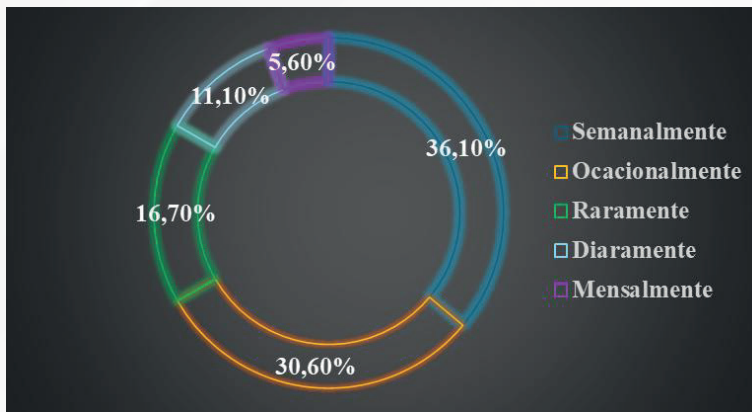


**Fonte:** dados da pesquisa (2025)

Como exposto (Figura 1), a maioria dos participantes da pesquisa, não acessão pornografia *on-line*. E entre os que acessão, a grande maioria, mais de cinco vezes, são masculinos. Um dado notório e significativo, e que traz um possível resposta para o que Moreira (2019) e Barros et al. (2020) fala que pornografia muitas vezes expõe mais a mulher, isto é, devido o homem consumir mais pornografia. Logicamente, isso leva em consideração o pensamento heterossexual, contudo a evolução da sociedade e a naturalização de sua orientação sexual é uma questão para ser refletida. Contudo, neste estudo, foi observado que mais 80% dos participantes que acessam pornografia *on-line* são heterossexuais.

Da sexta questão em diante do FI, foi respondida pela parcela que acessa a pornografia *on-line*. Assim, na sexta indagação foi perguntado: Com que frequência você acessa conteúdo pornográfico *on-line*? E foi identificado que 36,10% acessam semanalmente; 30,60% ocasionalmente; 16,70% raramente; 11,10% diariamente; e 5,60% mensalmente (Figura 2).

**Figura 2.** Frequência de acesso a pornografia

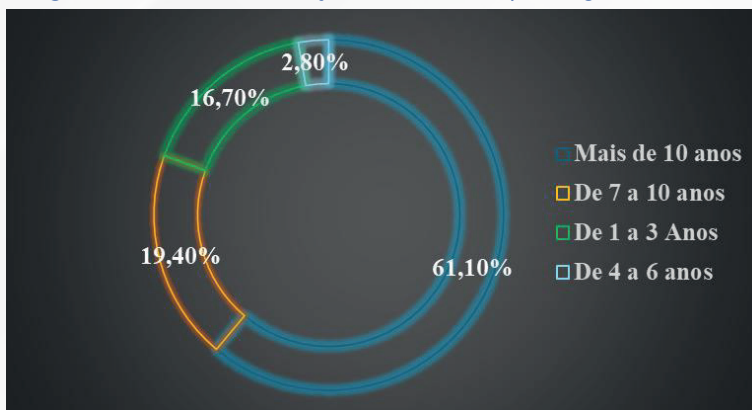


**Fonte:** dados da pesquisa (2025)

A frequência de acesso a pornografia *on-line* tem como maior tendência (36,10%) entre os entrevista ser semanalmente (Figura 2), isto é, um acesso rotineiro, que conforme Parreira (2012) pode ocasionar problemas psicossocial, que pode ser mais complexo ainda na parcela (11,10%) que acessa diariamente. No entanto, uma parcela significativa (30,60%) só acessa ocasionalmente, sendo assim, uma rotina não definida, de modo que a influência não é contundente, assim diminuindo a possibilidade de perturbação e desequilíbrio de saúde (Meira, 2020), da mesma forma ocorre com os usuários que acessa mensalmente (5,60%) e raramente (16,70%). Contudo, toda influência e consequência, da pornografia na saúde sexual, é um aspecto intrínseco a cada sujeito.

Na questão seguinte, a sétima indagação do FI, questionou: Desde quando você começou a consumir pornografia *on-line*? E taxativamente os resultados são consideráveis pois (Figura 3) 61,10% afirmam consumir pornografia *on-line* a mais de 10 anos, sendo assim um longo período, o qual pode afetar psicossocial; além disto 19,40% afirmaram consumir pornografia *on-line*, isto é um tempo considerável também. No entanto, 16,70% indicam fazer uso apenas de 1 a 3 anos, e 2,80% de 4 a 6 anos, que apesar de ser um período de consumo menor, já demonstra uma tendência de permanência no consumo de pornografia *on-line*.

**Figura 3.** Quando começou consumir a pornografia *on-line*

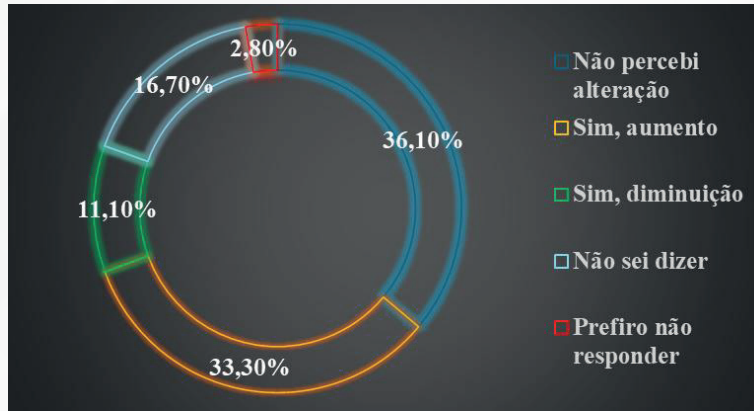


**Fonte:** dados da pesquisa (2025)

Como exposto na Figura 3, o consumo de pornografia *on-line* é contínuo, com grande maioria (61,10%) consumindo por mais de 10 anos, isso pode implicar em compulsividade, que organicamente pode promover desequilíbrio, levando a um prejuízo na saúde sexual (Parreira, 2012; Barros *et al.*, 2020). Contudo, ratifica-se que apenas este estudo não é suficiente para definir, esta questão e que apenas um profissional de saúde especializado pode aferir este aspecto de modo individual. De qualquer forma cabe reflexão, tendo em vista que nenhum dos participantes que consomem pornografia *on-line*, tem menos de um ano de consumo.

Na oitava questão, os participantes responderam: Você já percebeu alguma mudança no seu desejo sexual (libido) devido ao consumo de pornografia *on-line*? E conforme os participantes da pesquisa, tem quem acredite “Sim, aumentou” a libido (33,30%); assim como que “Sim, diminui” a libido (11,10%); outros não perceberam alteração (36,10%); outros não sabem dizer (16,70%); e 2,80% preferiram não responder; como pode ser analisado na Figura 4.

**Figura 4.** mudança no seu desejo sexual (libido) devido ao consumo de pornografia *on-line*

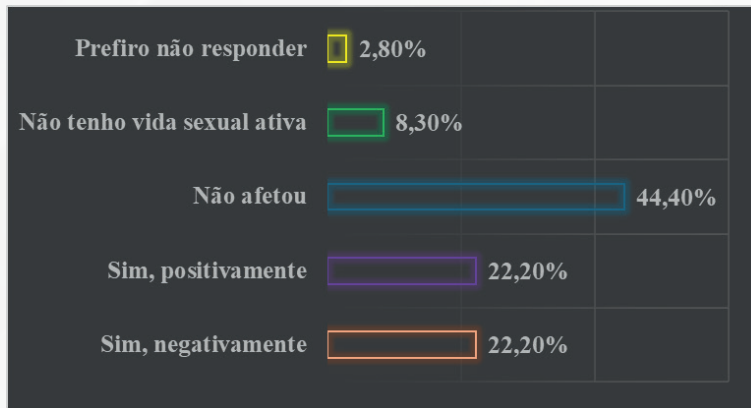


**Fonte:** dados da pesquisa (2025)

Os resultados (Figura 4) chamam atenção, pois uma parcela significativa (44,40%) diz que “Sim” observou mudança no desejo sexual, sendo que 33,30% aumentaram e para 11,10% diminuíram. Sendo assim, observado que a pornografia *on-line* influencia os aspectos psicossociais na saúde sexual. Contudo, 36,10% não percebeu alteração, isto é uma parcela que não reconhece a influência da pornografia *on-line* no seu desejo sexual. Além disto, 16,70% não sabe dizer se houve alteração, o que pode indicar falta de observação sobre ações que significativas podem corroborar muda o comportamento dos indivíduos.

Avançado para nona questão do FI, os participantes responderam sobre “O consumo de pornografia *on-line* já afetou sua satisfação com a vida sexual real (com parceiros)”. E o resultado foi que uma parcela significativa dos participantes, 44,40% disseram que “Sim” que o consumo de pornografia *on-line*, afetou sua satisfação com a vida sexual. Interessante, que 22,20% disseram que afetou positivamente, e 22,20% que afetou negativamente, como pode ser visto na Figura 5. Contudo, o mesmo quantitativo (44,40%) acredita que a pornografia *on-line* não afetou sua satisfação com a vida sexual real (com parceiros), o que é considerável, observando que pesquisas (Parreira, 2012; Meira, 2020) indicar que pode provocar alteração psicossocial.

**Figura 5.** A pornografia on-line já afetou sua satisfação com a vida sexual real

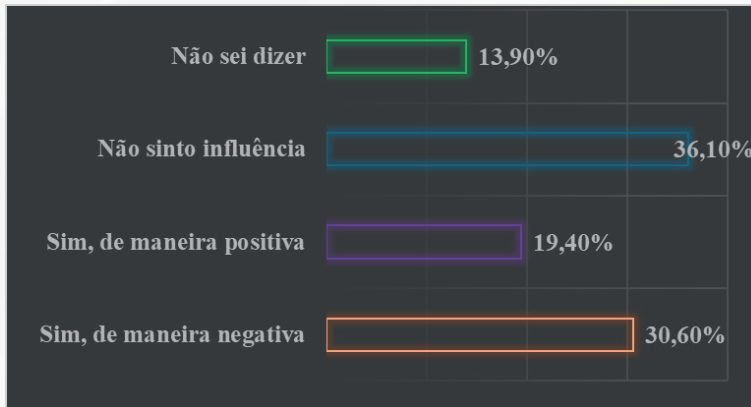


**Fonte:** dados da pesquisa (2025)

Como pode ser observado (Figura 5), além dos dados já mencionados, os dados ainda apresentam 8,30% de participantes que “não tem vida sexual ativa”, sendo assim, não poderia apontar relação com parceiros. Além disso, 2,80% preferiram não responder a indagação. Assim, é possível inferir, que o tema é sensível, e que os resultados apresentados (Figura 5), são heterogênicos, assim é observado que influência da pornografia on-line não afeta todos os consumidores.

Prosseguindo, a décima questão do FI, foi “você sente que a pornografia on-line influencia suas expectativas em relação ao corpo e desempenho sexual do parceiro”. Aqui a maior parcela (40%) da amostra pesquisada (Figura 6), afirmou a pornografia on-line influencia suas expectativas em relação ao corpo e desempenho sexual do parceiro. Sendo que 30,60% disseram que a influência foi de forma negativa. Isso pode ocorrer devido uma possível reflexão de um distanciamento entre a realidade e os padrões muitas vezes irrealis ou idealizados retratados na pornografia. Enquanto 19,40% disseram que a influência era positiva, o que de fato pode ocorrer pelo fato de que, para algumas pessoas, a pornografia pode ajudar a desinibir, aumentar o prazer sexual, ou até proporcionar um aprendizado sobre diferentes práticas sexuais.

**Figura 6.** A pornografia *on-line* influencia suas expectativas em relação ao corpo e desempenho sexual do parceiro



**Fonte:** dados da pesquisa (2025)

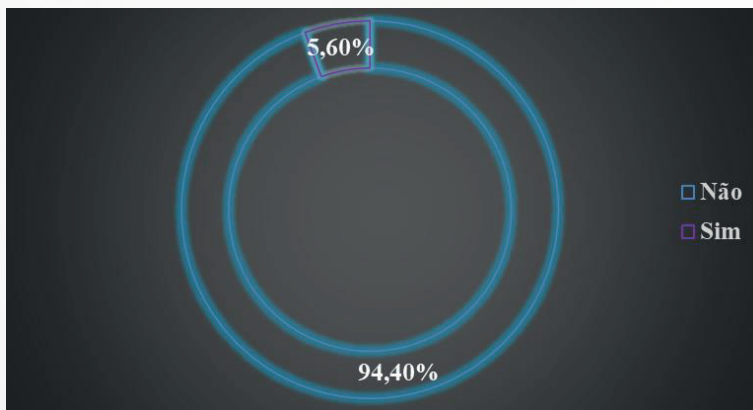
Como descrito no parágrafo anterior, e exposto na Figura 6, a maioria dos participantes (40%) disse sim há influência da pornografia *on-line* em suas expectativas em relação ao corpo e desempenho sexual do parceiro. Contudo, 36,10% afirmaram não ter influência da pornografia *on-line* suas em expectativas em relação ao corpo e desempenho sexual do parceiro. Essa resposta, pode sugerir que, para uma parcela considerável das pessoas, a pornografia pode ser vista como algo separado da realidade, ou talvez irrelevante em termos de moldar expectativas em relação ao parceiro. Além disso, 13,90% afirmam não saber dizer, demonstrando incerteza sobre o impacto da pornografia em suas expectativas.

Na questão seguinte do FI, a décima primeira questão, indagou: Você acredita que o consumo excessivo de pornografia *on-line* pode causar problemas psicológicos (como ansiedade, depressão, culpa). As respostas apontam uma contundência de que maior parte (63,90%) da amostra pesquisada, indicam que acredita que o consumo excessivo de pornografia *on-line* pode causar problemas psicológicos. Essa visão pode ser influenciada por discursos sociais e estudos (Alves, 2020; Figueiró, 2020; Paiva, 2021) que associam comportamentos compulsivos ao mal-estar psicológico.

Para o mesmo questionamento 16,70% indicou que não acreditam que o consumo excessivo de pornografia *on-line* possa causar problemas psicológicos. O que possivelmente essa parcela não ver correlação significativa entre problemas psicológicos e a pornografia, distanciando dos dados de algumas pesquisas (Parreira, 2012; Meira, 2020), o que pode apontar para uma observação ancorada nos aspectos intrínsecos de cada indivíduo. Além disto, 19,40% afirmaram não saber dizer se o consumo excessivo de pornografia *on-line* pode causar problemas psicológicos. Isto é uma demonstração que há um grau de desconhecimento ou ambiguidade sobre o tema, o que pode indicar a necessidade de maior acesso a informações ou debate público mais abrangente sobre tema.

Seguindo, a decima segunda questão, os participantes responderam: “Você já procurou ajuda profissional (terapia, aconselhamento) por causa do impacto do consumo de pornografia *on-line* na sua saúde sexual”. E os resultados são significativos, em que uma pequena parcela (5,60%) buscou ajudar profissional, esse número baixo (Figura 7) pode ser devido a vergonha ou desconforto em abordar o consumo de pornografia, tanto por medo de julgamento social quanto por não reconhecerem isso como um problema.

**Figura 7.** Já procurou ajuda profissional por causa do impacto do consumo de pornografia *on-line* na sua saúde sexual



**Fonte:** dados da pesquisa (2025)

Os dados (Figura 7) destacam uma alta porcentagem (94,4%) que diz não procura ajuda de um profissional por causa do impacto do consumo de pornografia on-line na sua saúde sexual. Isso pode ocorrer pela falta de informação e/ou baixa educação sexual, assim, não associam diretamente os problemas de saúde sexual (como disfunção erétil, insatisfação ou dependência) ao consumo de pornografia e, portanto, não consideram a necessidade de ajuda.

Por fim, a décima terceira questão do FI, os participantes responderam: “Você acha que a educação sexual disponível (escolas, internet, etc.) é suficiente para ajudar a entender os efeitos da pornografia on-line na saúde sexual”. E taxativamente, 69,40% disseram que “Não, deveria ser mais abordado”, isto é, conforme a interpretação dos pesquisados a educação sexual deveria ser algo mais contundente, de maneira a ressoar positivamente na sociedade, tornando-se efetiva na construção de conhecimento e práticas.

Entretanto, uma parcela (8,30%) disse que “Sim, é suficiente” uma representação que pode ser considerada conservadora, pelo fato de que quanto mais educação melhor será para relações interpessoais. Além disso, 22,20% disseram não saber dizer, o que é uma demonstração clara de que a educação sexual deve ser mais abordada, trazendo a luz do conhecimento e informação responsabilizando as atitudes de cada sujeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O consumo de pornografia on-line revelou-se um tema sensível e multifacetado, com impactos que vão além da satisfação sexual individual. A pesquisa demonstrou como esse hábito influencia a percepção de corpo, desempenho sexual e expectativas nos relacionamentos, destacando questões sociais e psicológicas relevantes.

A análise quantitativa mostrou que uma parcela significativa dos consumidores enfrenta mudanças no desejo sexual e insatisfação com a vida sexual real, enquanto a abordagem qualitativa apontou para a necessidade

de maior conscientização sobre os efeitos psicológicos, como ansiedade e culpa, associados ao consumo excessivo de pornografia. Apesar das variações nas experiências relatadas pelos participantes, ficou evidente a importância da educação sexual como ferramenta para informar sobre os riscos do consumo desenfreado de pornografia. Essa lacuna educacional destaca a necessidade de debates mais inclusivos e transparentes, especialmente em contextos que tabus culturais limitam a discussão.

A pesquisa também ressaltou a complexidade dos efeitos individuais e sociais da pornografia, reforçando a importância de um olhar holístico que considere fatores biopsicossociais. A compreensão dessas interações pode subsidiar profissionais de saúde, educadores e formuladores de políticas públicas na criação de abordagens mais eficazes.

Em suma, este estudo buscou contribuir para o debate sobre o papel da pornografia on-line na sociedade do século XXI, ressaltando a necessidade de intervenções que promovam uma relação saudável e equilibrada com a sexualidade. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas sirvam como base para novas pesquisas e ações educativas mais abrangentes e eficazes.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pedro Amadeu; SANTOS, Gustavo Miguel França; FIGUEIREDO, Zélia Maria Brandão. O Impacto da Pornografia na Sexualidade dos Consumidores - Estado da Literatura Atual. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 33, 2022. DOI: 10.35919/rbsh.v33.1007. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/1007](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1007). Acesso em: 6 jan. 2025.

ALVES, José Eustáquio Diniz. A dinâmica demográfica global em uma "Terra inabitável". **Revista Latinoamericana de Población**, [S.L.], v. 14, n. 26, p. 179-186, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3238/323861646008/323861646008.pdf#page=2.43>. Acesso em: 06 jan. 2025.

BARROS, Eloisa Amorim de; MACHADO, Layâna Maria Araújo; BIÁ, Mayara Gato de Sena; GUERREIRO, Rafaela Azevedo. A mulher como produto de satisfa-

ção masculina na pornografia: uma análise histórico-social. **REVES - Revista Relações Sociais**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 17001-17014, 2020. DOI: 10.18540/reves-vl3iss4pp17001-17014. Disponível em: <https://beta.periodicos.ufv.br/reves/article/view/10380>. Acesso em: 7 jan. 2025.

BOCKORNI, Beatriz Rodrigues Silva; GOMES, Almiralva Ferraz. A Amostragem em Snowball (Bola de Neve) em uma Pesquisa Qualitativa no Campo da Administração. **Revista de Ciências Empresariais da Unipar**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jun. 2021. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/empresarial/article/view/8346/4111>. Acesso em: 02 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Sexual e Reprodutiva**. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente/saude-sexual-e-reprodutiva>. Acesso em: 06 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher**: princípios e diretrizes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: [https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nac\\_atencao\\_mulher.pdf](https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf). Acesso em: 06 jan. 2025.

FIGUEIRÔ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3. ed. Londrina: Eduel, 2020.

GARRAFFONI, Renata Senna; SANFELICE, Pérola de Paula. Símbolos fálicos, fertilidade e fruição da vida em Roma: novas abordagens a partir da cultura material de Pompeia. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, [S. l.], n. 9, p. 26-50, 2017. DOI: 10.17648/rom.v0i9.18478. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/18478>. Acesso em: 7 jan. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elabora projetos de pesquisa**. ed. 7. Barueri: Atlas, 2023.

MATTAR, João; RAMOS, Daniele Karine. **Metodologia da Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas, Quantitativas e Mistas. São Paulo: Edições 70, 2021.

MACELINO, Douglas Attila. **Salvando a pátria da pornografia e da subversão**: a censura de livros e diversões públicas nos anos 1970. 2006. 300 f. Dissertação

(Mestrado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/DouglasAttilaMarcelino.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2025.

MOREIRA, Aline. As matrizes da pornografia de Alfredo Gallis (1859-1910). Revista Letras, Curitiba, n. 100, p. 133-151 dez. 2019. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/89131571/328064000-libre.pdf?1659207017=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAs\\_matrizes\\_da\\_pornografia\\_de\\_Alfredo\\_Ga.pdf&Expires=1736278455&Signature=WVFMOTYCusS-4cQ0MocyhY8x0e~hbkWka~1hOqgk7jeiqhIpT2W2Xl-JHxGjvFBgGtsuFP7~RsY0CiUfjzJTUxJP44AuXbGSzwAbrlFj~MOU2zLzosJ414zZ-m2JtoNa4ahKTyFDK8XQtyNGaDjyhAfOJ1s5p00yuaHhM0K9xIAoOI4E-Se-QyJ6qL2kYBuMFep2SyFTcxfrXMPwD6b18cHUE5ONG4jNvIM8dv-TkyUCmf7L2Kd67K9lNJ-FcaK-tUiv-ReCoXBn84WFqfBxeH9x71m2xvSU~jBdXW-1d-lpSwF4cax~23fWmDE~jLI3ML2~f4vCQRjNjo4Z-erqzRTeHA\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/89131571/328064000-libre.pdf?1659207017=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAs_matrizes_da_pornografia_de_Alfredo_Ga.pdf&Expires=1736278455&Signature=WVFMOTYCusS-4cQ0MocyhY8x0e~hbkWka~1hOqgk7jeiqhIpT2W2Xl-JHxGjvFBgGtsuFP7~RsY0CiUfjzJTUxJP44AuXbGSzwAbrlFj~MOU2zLzosJ414zZ-m2JtoNa4ahKTyFDK8XQtyNGaDjyhAfOJ1s5p00yuaHhM0K9xIAoOI4E-Se-QyJ6qL2kYBuMFep2SyFTcxfrXMPwD6b18cHUE5ONG4jNvIM8dv-TkyUCmf7L2Kd67K9lNJ-FcaK-tUiv-ReCoXBn84WFqfBxeH9x71m2xvSU~jBdXW-1d-lpSwF4cax~23fWmDE~jLI3ML2~f4vCQRjNjo4Z-erqzRTeHA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 07 de jan. 2025

MOREIRA, Marcos Antonio; RIZZATTI, Ivanise Maria. Pesquisa em Ensino. **Revin**, Itapetininga, v. 1, p. 1-15, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/revin/article/view/59/44>. Acesso em: 02 jan. 2025.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do Google Forms na Pesquisa Acadêmica. **Humanidades & Inovação**, [S. L], v. 6, n. 12, p. 371-380, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 02 jan. 2025

PAIVA, Carla Cardi Nepomuceno de. **Avaliação da implementação de ações em saúde sexual e reprodutiva desenvolvidas pela Estratégia Saúde da Família no município de Juiz de Fora - Minas Gerais**. 2021. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/17877/2/Tese%20-%20Carla%20Cardi%20Nepomuceno%20de%20Paiva%20-%202021%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2025.

SANFELICE, Pérola de Paula. Sexualidade, amor e erotismo na Roma Antiga: as representações de Vênus nas paredes de Pompeia DOI10.5216/o.v10i2.10921. **OPSIS**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 167-190, 2011. DOI: 10.5216/o.v10i2.10921. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/Opsis/article/view/10921>. Acesso em: 7 jan. 2025.

STRAUB, Richard O. **Psicologia da Saúde**: uma abordagem biopsicossocial. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

TOKARNIA, Mariana. **IBGE divulga 1º levantamento sobre homossexuais e bissexuais no Brasil**: esta é a primeira vez que os dados são coletados. Esta é a primeira vez que os dados são coletados. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/ibge-divulga-levantamento-sobre-homossexuais-e-bissexuais-no-brasil#:~:text=Os%20dados%2C%20coletados%20em%202019,%2C%200%2C7%25%2C%20ou.> Acesso em: 10 jan. 2025.